

QUALIDADE DA VINCULAÇÃO E
QUALIDADE DA AMIZADE EM PRÉ-
ADOLESCENTES

MARTA CORREIA DA FONSECA AFONSO
Nº 13095

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Educacional

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof. Doutora Manuela Veríssimo, apresentada ao ISPA - Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Cabe-me expressar os meus agradecimentos às pessoas que me ajudaram e apoiaram, e que tornaram possível a realização deste trabalho:

À professora Manuela Veríssimo, que dirigiu este estudo, pela sua permanente disponibilidade e apoio, e pela partilha de conhecimentos e saberes que contribuíram decisivamente para a realização desta tese, sem esquecer a orientação e colaboração imprescindível nas questões metodológicas e de tratamento de dados. Uma palavra de agradecimento especial à confiança que sempre depositou no meu trabalho que se revelou fundamental na motivação e incentivo para a sua conclusão.

À linha 1 Psicologia do desenvolvimento da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE), pela colaboração na recolha e tratamento dos dados.

Às minhas colegas e amigas/os de curso, pelo apoio e pelos laços de solidariedade e de amizade que se foram construindo, sem os quais momentos menos bons, poderiam eventualmente não terem sido evitados.

Às escolas, por terem permitido a recolha da amostra nas suas instituições e pelos esforços realizados. A todos os adolescentes que deram vida a este estudo.

Aos meus pais, obrigada pela educação que me deram, pela força e persistência que me inculcaram, por me terem ajudado a ser quem sou, por tudo isto e muito mais, o meu obrigada.

A todos os meus amigos, sem excepção, que sempre me apoiaram.

É ainda de salientar que, a presente dissertação faz parte de um projecto financiado pela FCTPIHM/GC/008/20.

RESUMO

Este estudo pretende investigar a influência das relações que os adolescentes estabelecem com os seus melhores amigos e com os seus pais no decurso do seu desenvolvimento, esperando que quanto melhor a qualidade de vinculação do jovem aos pais, mais qualidade terá a amizade entre o jovem e os seus pares. Por outro lado, procurou-se observar se o meio social onde o adolescente se desenvolve é preponderante no desenvolvimento dessas mesmas relações, ou seja se existiria diferenças significativas entre jovens provenientes de meios sociais antagónicos. Para que esse objectivo fosse atingido recorreu-se a duas escolas com características divergentes.

Neste estudo participaram 162 alunos do 7º ano de escolaridade com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade. Os dados foram obtidos em duas escolas, 108 crianças do ensino público e 54 crianças do ensino privado. Foi pedido o preenchimento da Escala da Segurança (KKS; Kerns, Klepac & Cole, 1996) e do Questionário da Qualidade da Amizade (FQQ; Parker & Asher, 1989).

Os resultados obtidos indicam que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas ao nível da qualidade da amizade. A escola privada registou melhor qualidade da amizade do que a escola pública. No entanto não houve diferenças entre os géneros e as duas escolas na qualidade da vinculação. Verificou-se ainda existir relação entre a qualidade da vinculação e a qualidade da amizade para a totalidade da amostra. Na análise específica das duas escolas, verifica-se que na escola privada existe essa mesma relação ao contrário do que se verificou na escola pública.

Palavras – chave: vinculação, amizade, grupo de pares, meio social.

ABSTRACT

The purpose of the current assignment is the study of the influence of the relationships that teenagers develop with their best friends and parents throughout their upbringing, hoping that the higher quality of attachment of the teenagers to their progenitors, better is the quality of the friendships between the teenagers and their peers. Furthermore, the teenagers' social environment is also analysed in order to understand its influence in the development of those relationships and whether if antagonic social backgrounds have a significant correlation impact. To attain this goal, two schools with different features were chosen to be part of this study.

The study enrolled 162 students of the 7th grade with ages between 12-15 years old. The data was obtained in two schools, 108 students of a public schools and 54 students of a private school. Security Scale (KKS; Kerns, Klepac & Cole, 1996) and Friendship Quality Audit (FQQ; Parker & Asher, 1989) were requested to be filled out.

The results obtained indicate that in reference to friendship quality, there are significant differences between boys and girls. The private school registered a better quality of friendship than the public school. Nevertheless, in what concerns the quality of linkage to their progenitors, there were no differences between gender or the two schools. There was found a correlation between the quality of attachment and the quality of friendship for the whole sample. In the specific analysis of both schools, it appears that in the private school there is the same relationship as opposed to what was verified in the public school.

Key-words: Attachment, Friendship, Peer Groups, Social Environment.

ÍNDICE

I. REVISÃO DA LITERATURA	1
Vinculação	1
Base segura	4
A vinculação na adolescência	6
Amizade na adolescência.....	7
A vinculação e a amizade	11
Objectivos	16
II. MÉTODO	20
Participantes.....	20
Caracterização dos instrumentos.....	22
Escala de vinculação (Kerns, Klepac & Cole, 1996).....	22
Questionário da qualidade da amizade (FQQ; Parker & Asher)..	22
Procedimento	23
III. RESULTADOS	25
Dados relativos ao questionário da amizade (FQQ)	25
Resultados obtidos em cada subescala da qualidade da amizade para os géneros	26
Resultados obtidos em cada subescala da qualidade da amizade para a escola privada e para a escola pública.....	26
Dados relativos à escala de vinculação (KSS).....	27
Resultados obtidos na escala de vinculação para os géneros.....	28
Resultados obtidos na escala de vinculação na escola privada e na .. escola pública.....	28
Resultados da correlação entre a qualidade da amizade e a qualidade da vinculação para a totalidade da amostra.....	29
Resultados da correlação entre a qualidade da amizade e a qualidade da vinculação na escola privada.....	29

Resultados da correlação entre a qualidade da amizade e a qualidade da amizade na escola pública.....	30
---	----

IV. DISCUSSÃO	31
---------------------	----

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
------------------------------	----

VI. REFERÊNCIAS	39
-----------------------	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Domínios do Questionário da qualidade da amizade (FQQ) – fidelidade da escala	25
Tabela 2 – Escala de vinculação (KSS) – fidelidade da escala	28

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Média das cotações em cada subescala do questionário da qualidade da amizade para os géneros.....	26
Figura 2 – Média das cotações em cada subescala do questionário da qualidade da amizade na escola privada e na escola pública	27
Figura 3 – Média das cotações da escala de vinculação para os géneros.....	28
Figura 4 – Média das cotações da escala de vinculação na escola privada e na escola pública.....	29

I. REVISÃO DA LITERATURA

Vinculação

O autor Jonh Bowlby, psicanalista inglês e teórico das relações objectais descreveu a importância das primeiras relações para o desenvolvimento, formulando desse modo a teoria da vinculação, quando descreve as relações do bebé com a sua mãe ou com o seu cuidador desde o nascimento até os seis anos de idade. Alude que o ser humano herda um potencial para desenvolver determinados tipos de sistemas comportamentais, como chuchar, sorrir, chorar, seguir com os olhos. A conduta instintiva é o resultado do controlo desses sistemas comportamentais integrados, que funcionam num determinado ambiente de adaptabilidade evolutiva, em especial na sua interacção com a principal figura deste ambiente, a mãe. Nesta perspectiva, o vínculo da criança com a mãe, denominado pelo autor de apego tem uma função biológica que lhe é específica e é o produto da actividade destes sistemas comportamentais. Portanto, ao longo do desenvolvimento a criança passa a revelar um comportamento de apego que é facilmente observado e que evidencia a formação de uma relação afectiva com as principais figuras do seu ambiente (Bowlby, 1969).

Nessa formulação não há referência a necessidades fisiológicas e impulsos. Sustenta-se ainda que o acto de nutrir desempenha um papel apenas secundário no desenvolvimento desses sistemas comportamentais. Desta forma, torna-se claro que para Bowlby a formação da vinculação não é uma consequência da satisfação das necessidades fisiológicas básicas como postula Freud (Bowlby, 1984).

Esta descrição de Bowlby coincide com as formulações de Spitz acerca da síndrome de hospitalismo. Trabalhando num orfanato, Spitz (1945, cit. por Spitz, 1971) observou que os bebés tinham dificuldades no desenvolvimento físico, faltando-lhes apetite e conseqüentemente falta de peso. Com o tempo, perdiam o interesse relacional, o que levava a maioria dos bebés ao óbito. René Spitz descreveu, portanto, o resultado da ausência dos pais e do afecto como factor determinante no desenvolvimento do bebé.

Também Erik Erikson, psicanalista e teórico de grande influência no estudo do desenvolvimento, nos trabalhos realizados desde 1950 até 1985, apesar de partilhar alguns aspectos da teoria de Freud, defende que o progenitor precisa de criar um clima de afecto e confiança para com o seu bebé (Erikson, 1971).

Bowlby e Winnicott deixam clara a ideia da importância que as primeiras relações mãe-bebé possuem para o desenvolvimento, no entanto, existem divergências em pontos importantes na teoria de ambos os autores. Estar vinculado a uma figura materna (conceito de Bowlby) e ser dependente de uma figura materna (conceito de Winnicott) são realidades divergentes, apesar de terem como base a relação vínculo mãe-bebé.

Nas primeiras semanas, não há dúvida que um bebé é dependente da progenitora para que possa sobreviver, no entanto, embora exista essa dependência não podemos afirmar a existência de uma vinculação à mãe. De acordo com as ideias de Winnicott, a dependência é máxima no nascimento e tende a diminuir ao longo da vida, apesar de estar sempre de alguma forma presente. Na teoria da vinculação, o vínculo está ausente no nascimento e começa com os meses a adquirir força (Bowlby, 1984).

Simultaneamente à apresentação da teoria de Bowlby acerca da vinculação, Harlow publica os resultados do seu estudo com crias de macacos “rhesus”. Neste estudo o autor verificou que os macacos bebés se agarravam a um boneco que os alimentava desde que este fosse macio e confortável. Tais resultados, alargados à espécie humana constituem um argumento válido contra as teorias que enfatizam a alimentação como necessidade central, já que constata que esta é suplantada pela de conforto (Harlow, 1958 cit. por Bowlby, 1982).

A teoria da vinculação de Bowlby foi influenciada por várias e distintas áreas, desde a psicanálise, passando pela biologia evolutiva, psicologia do desenvolvimento, processamento de informação e observações/conclusões da etologia. Autores como Konrad Lorenz, Robert Hinde e o já citado Harlow, possibilitaram que Bowlby estruturasse a base teórica de seus trabalhos (Bowlby, 1984).

Neste sentido, o autor propõe que o vínculo da criança à sua mãe provém de vários sistemas comportamentais que têm como resultado previsível a proximidade entre ambas (Bowlby, 1984). A vinculação é definida por John Bowlby como a primeira relação afectiva da criança, que ocorre normalmente com a mãe e segue de modelo para as futuras relações da criança. Estes sistemas desenvolvem-se como produto da interacção da criança com o meio e principalmente com a mãe. A função da vinculação prende-se, por um lado com a protecção

contra predadores, e por outro, com o proporcionar ao bebé a oportunidade de aprender diversas actividades indispensáveis à sobrevivência. Assim sendo, a aquisição e manutenção deste sistema comportamental enquadra-se no mecanismo de selecção natural, já que os bebés que o possuem estão melhor adaptados (pois dele retiram vantagens) e, conseqüentemente são favorecidos pela selecção natural (Bowlby, 1984).

O estudo desses laços emocionais e da construção dos modelos dinâmicos internos reveste-se de particular importância, pois sabe-se hoje que a natureza do desenvolvimento social precoce do bebé constitui os alicerces daquilo que será o seu relacionamento social futuro (Schaffer, 1996). O sistema de vinculação proporciona à criança um conjunto de percepções acerca de si própria, dos outros e do mundo, que correspondem à interiorização das características das interacções entre ela e os pais – “working models” (Bowlby, 1973).

O conceito de working models ou modelos internos dinâmicos foi adoptado por Bowlby a partir das concepções de Craik (1943, cit. por Bretherton & Munholland, 1999). Este autor propôs que indivíduos dotados de capacidades que permitem elaborar modelos internos complexos do seu ambiente, e avaliando potenciais conseqüências ou alternativas de acção, aumentam consideravelmente as suas hipóteses de sobrevivência, uma vez que tais modelos conferem ao comportamento um carácter mais flexível e adaptativo.

Os modelos internos dinâmicos assemelham-se a esquemas cognitivos ou “Scripts”, diferem destes pela sua forte carga afectiva, sendo mais simbólicos que proposicionais e referindo-se essencialmente a formas de relação e não a esquemas abstractos de episódios sociais ou de pessoas/papéis (Yarnóz, 1992 cit. por Yarnós & Paéz, 1993).

Neste sentido, podem ser entendidos como filtros inconsciente interpretativos, através dos quais os relacionamentos e outras expectativas sociais são construídos e entendidos (Bowlby, 1984). Uma representação interna da self ineficaz poderá ter surgido de uma história do cuidado parental insensível, o que pode levar a uma rejeição pelos pares ou a um comportamento mal adaptado (Booth-La-Force & Kerns, 2009).

Assim, as figuras de vinculação influenciam duplamente os modelos internos dinâmicos: através da qualidade dos cuidados prestados e a partir das interpretações de eventos que fornecem em contexto de conversação partilhada.

Os pais funcionam como uma base segura para a exploração do seu mundo interno, precisamente através do estabelecimento de diálogos verbais sobre os modelos dinâmicos. Os pais que estão abertos a partilhar as suas reflexões com as suas crianças ajudam-nas a

construir e a rever adequadamente os seus próprios modelos internos dinâmicos. Consequentemente, estas crianças sentir-se-ão compreendidas, valorizadas e competentes, assim como encontrar-se-ão numa melhor posição para construir modelos internos dinâmicos de si e do progenitor. Contrariamente, as experiências familiares de quem cresce ansioso e receoso, caracterizam-se pela incerteza face ao papel parental como também por pressões distorcidas: pressão na criança, por exemplo para agir como progenitora dos pais, ou para adoptar e assim confirmar os falsos modelos destes – de si, da criança e das relações (Bowlby, 1982).

Base Segura

O conceito de base segura é central na teoria da vinculação, dado que sempre que a criança necessita de protecção, supervisão ou suporte, é possível observar o comportamento de base seguro na sua dupla vertente: A sua correcta utilização por parte da criança e o seu adequado fornecimento pela figura de vinculação (Crowell et al. 2002).

A importância do comportamento de base segura reside em três pontos fundamentais: 1) a figura de vinculação está apta a providenciar e proporcionar protecção à criança na eminência de uma situação perigosa; 2) permite e encoraja a criança a empreender em diversas experiências de aprendizagem sob a sua monitorização e eventual correcção; 3) providencia um contexto privilegiado para a ocorrência da diferenciação eu-outro (Crowell et al. 2002).

Através dos trabalhos de Ainsworth, nos quais se inscreve a elaboração do procedimento experimental designado por situação estranha (Ainsworth, 1967/1977; Ainsworth et al. 1978 cit. por Machado, Soares & Silva), destinados a estudar a vinculação na infância, foi possível proceder à validação empírica da teoria de Bowlby e explicar o conceito de base segura.

Com base na observação naturalista das crianças no Uganda, foram observados três padrões de vinculação. As crianças com um padrão seguro choravam pouco e demonstravam satisfação em explorar na presença da mãe, as crianças com um padrão inseguro choravam frequentemente e exploravam pouco. Por último, as crianças ainda não vinculadas não manifestavam um comportamento diferenciado face à mãe. Neste sentido, a autora avançou então a hipótese de que tais divergências teriam origem em diferenças na interacção mãe-criança (Ainsworth, 2000).

Sendo o comportamento de vinculação resultante da procura de proximidade com outro sujeito claramente diferenciado e entendido como mais apto para lidar com o mundo, é mais óbvio que, quando a criança está assustada, cansada ou doente, exista uma procura de cuidados. Contrária ao comportamento de vinculação é a necessidade de explorar o meio, de brincar e desenvolver outras actividades com pares. Quando a criança se sente segura está apta a explorar o meio, afastando-se da figura de vinculação. Este é o padrão de interacção típico entre pais e criança conhecido como exploração a partir de uma base segura (Ainsworth, 2000).

Este trabalho trouxe importantes contribuições para a teoria da vinculação, ao demonstrar que o vínculo resultante da interacção mãe-bebé, varia na dependência do tipo de cuidado materno e das características inerentes à criança.

É o balanço entre os sistemas de exploração e de vinculação que caracteriza a segurança da vinculação. Neste caso, a figura de vinculação serve de base segura a partir da qual se parte para uma exploração activa do meio ambiente. No caso da adolescência, o reportório de comportamentos exploratórios aumenta e diversifica-se enormemente, mas num sistema de interacção com as figuras parentais o adolescente mantém um comportamento de procura de proximidade, esperando em troca receber um comportamento de cuidados (Ainsworth, 2000).

Teoricamente, os modelos internos dinâmicos desenvolvidos na infância continuam a ser importantes, mesmo quando o adolescente estabelece novas relações (Bowlby, 1973). Estes são utilizados pelo sujeito para prever a disponibilidade e responsividade do outro para responder às suas necessidades de apoio e protecção, e orientá-lo na construção das suas relações de proximidade.

Esta continuidade pode ocorrer pela assimilação das novas relações às expectativas que são consistentes com o modo como o indivíduo representa as suas relações. No entanto, mudanças desenvolvimentais podem implicar transformações ao nível dos modelos internos dinâmicos. Com efeito, se por um lado a segurança pode facilitar as necessárias acomodações a introduzir nos modelos internos dinâmicos e ser, portanto, compatível com a sua revisão, o estabelecimento de novas relações quer durante a adolescência, quer durante a idade adulta, pode, por outro lado, constituir uma ocasião significativa para reavaliar vinculações precoces, nomeadamente quando estabelecidas de um modo inseguro (Soares, 1996).

Dadas as evidências crescentes acerca da importância da segurança da vinculação na adolescência, uma das questões principais envolve a compreensão da continuidade e descontinuidade da segurança neste período, em particular porque as alterações cognitivas, sociais e interpessoais que se dão nesta fase, exercem um efeito significativo no desenvolvimento dos estados mentais relacionados com a vinculação, podendo originar descontinuidades temporais nesses estados (Allen & Land, 1999).

A vinculação na adolescência

Na adolescência, apesar de mais escassos, os estudos acerca da continuidade da vinculação têm mostrado resultados que apontam para uma estabilidade moderada a elevada (Ammaniti, van IJzendoorn, Speranza, & Tambelli, 2000; Hamilton, 2000; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000; Zimmermann & Becker-Stoll, 2002) com a descontinuidade a ser melhor explicada pelos acontecimentos de vida (cit. por Waters, et al., 2000).

No geral, estes estudos suportam a hipótese da continuidade da vinculação da infância à adolescência. Mas, embora não sejam claros os contributos relativos de outros factores que promovem essa estabilidade, a descontinuidade parece ser, em grande medida, explicada por factores externos, em particular os acontecimentos de vida negativos (Waters, Hamilton, & Weinfeld, 2000).

A fase intermédia da adolescência apresenta especificidades que podem desencadear alterações significativas no desenvolvimento do sujeito, e conseqüentemente no tipo de adultos em que se irão tornar. A adolescência é entendida como uma fase de transição entre a infância e a adultez, normalmente localizada no tempo entre os 13 os 19/20 (palácios, 1995).

São características desta etapa de vida: a maturação dos órgãos reprodutores, alterações no corpo que o aproximam da forma que terá na vida adulta; a emergência do pensamento formal, uma maior autonomia face aos pais; o alargamento das relações sociais com os pares; alterações no relacionamento com o sexo oposto; a construção de projectos, carreiras e de valores; e finalmente a construção de uma identidade positiva (Matos, 2008b).

Na perspectiva da vinculação, a adolescência define-se por ser um período de transição onde o indivíduo se torna menos dependente dos cuidados primários e das primeiras

figuras de vinculação. É marcado por ser um período de profundas transformações ao nível emocional, cognitivo e comportamental. O adolescente evolui de um receptor de cuidados dos pais a ser um cuidador potencial (Allen & Land, 1999).

É neste período que se desenvolvem aquilo que em termos piagetianos se chamam as “operações formais”, que incluem as capacidades de raciocínio lógico e abstracto. O pensamento liberta-se do concreto e o adolescente torna-se capaz de raciocinar de modo formalmente correcto sobre hipóteses. Estas novas capacidades para além da emergência de uma estratégia integrada de vinculação, permitem o aumento significativo da diferenciação de si e do outro. Pode deste modo reconhecer que os pais podem falhar nas suas respostas às necessidades de vinculação e imaginar que outras relações o poderão satisfazer melhor nessas necessidades (Guedeney & Guedeney, 2004).

De acordo com Allen e Land (1999) irá existir uma renúncia a gratificações retiradas do papel parental de prestações de cuidados, uma capacidade de suportar a avaliação crítica, apoio às capacidades de regulação emocional do adolescente e apoio à capacidade do mesmo de lidar com as emoções resultantes da aprendizagem da independência. As modificações que ocorrem junto ao grupo de pares são percebidas como um contexto genuíno de conforto e apoio psicológico.

A transformação desenvolvimental mais acentuada relaciona-se com a utilização que é dada à amizade, e é bem visível no que diz respeito à auto-revelação e à partilha de sentimentos e pensamentos privados. É isto que caracteriza a diferença entre as amizades das crianças e dos adolescentes, uma vez que estas apresentam uma intimidade que não ocorre nos primeiros anos (Youniss, 1980).

A amizade na adolescência

Os psicólogos que estudam o desenvolvimento da amizade usam um termo semelhante, “competência social” para fazer referência ao conjunto de habilidades que colectivamente resultavam num funcionamento social bem sucedido com os pares (Howes, 1987 cit. por Schaffer, 1999). A competência social deriva da interacção entre a criança e o seus pares, sendo o desenvolvimento social como o desenvolvimento emocional adquiridos no contexto da amizade (Rubin, 1982).

A definição de amizade implica o reconhecimento de estar presente num constructo teórico, que pode, de acordo com a visão de cada pessoa assumir diferentes definições. De acordo com a fase de desenvolvimento da criança também pode variar quanto ao seu significado e características.

Para Alberoni (1998), a amizade começa como um acto despretensioso. É um momento em que se nutre uma forte empatia em relação a um outro indivíduo. Constantemente esse indivíduo é familiar, mas por motivos diversos desperta um interesse especial até ai não manifestado.

A Amizade é uma continuidade de encontros sucessivos, em que alguns destes podem ter sucesso, outros não, e em que estes últimos raramente prevalecem sobre os primeiros porque a amizade é paciente. No entanto, a amizade também tem crises, não sendo um valor vitalício, e pode mesmo acabar (Alberoni, 1988).

A amizade é baseada na reciprocidade; no investimento e no compromisso entre indivíduos que se reconhecem como iguais ou similares numa relação simétrica. Ser amigo implica pois, ser sensível às necessidades do outro, sendo leal e respeitador dele e da relação. As manifestações de intimidade como a fraqueza; espontaneidade; exclusividade; reciprocidade; interesses e actividades comuns; são componentes numa relação de amizade (Costa, 1998). Todavia, a definição e o significado do que é um amigo para as crianças vai mudando ao longo do desenvolvimento, dependendo de um conjunto de competências emocionais, cognitivas e comportamentais.

De acordo com Hinde (1995 cit por Bukowski e tal. 2009), as funções, significados, expectativas, e emoções que compõem uma verdadeira relação de amizade vêm da sucessão de confiança e das interações que ocorrem entre amigos.

As amizades das crianças são muito importantes porque os amigos preenchem funções essenciais, que os pais não preenchem, e que por isso desempenham um papel crítico durante a formação das aptidões sociais, bem como no desenvolvimento no seu sentido de identidade. As amizades são provavelmente um dos maiores e mais importantes pontos essenciais da qualidade de vida das crianças. A necessidade de um sentimento de pertença a um grupo pode ser colmatada pelas amizades com crianças da mesma idade (Rubin, 1982). As dimensões da qualidade da amizade incluem a intimidade, o companheirismo e o apoio emocional e social (Rubin, Bukowski & Parker, 2006).

As relações de amizade acontecem dentro de redes sociais complexas, que incluem a criança ou o jovem (com as suas características pessoais), os seus pares e amigos, familiares, e outros (Garcia, 2005). No início da adolescência, no âmbito das relações que o adolescente vai estabelecendo com os pares, começa a destacar-se uma relação com um companheiro particular, altamente valorizado e diferenciado por ambos (Campos, 1989). A capacidade dum envolvimento íntimo com outro do mesmo sexo, representa o início de algo muito semelhante ao amor. O amigo desempenha o papel de suporte do eu, e muitas vezes, funciona como um espelho que reenvia uma imagem que lhe dá segurança, fazendo aumentar a confiança em si próprio e favorecendo a coesão e a unidade de personalidade, que se procura através do outro (Sullivan, 1953).

A amizade amadurece na adolescência e torna-se uma relação mais exigente, na medida em que se põe em jogo um conjunto de competências emocionais, cognitivas e comportamentais complexas. Essas competências são necessárias para o estabelecimento de uma amizade íntima e profunda, mas o envolvimento dessa relação promove de igual modo o desenvolvimento dessas competências. O conhecimento íntimo do amigo é uma das características mais referidas sobre a relação de amizade entre adolescentes (Campos, 1989).

Os resultados dos estudos empíricos mostram que, antes da pré-adolescência é raro atribuir-se importância aos sentimentos e pensamentos do amigo, assim como às suas características de personalidade. Só por volta do 6º ano de escolaridade, ou até mais tarde, os jovens falam frequentemente da amizade em termos de partilha de sentimentos e de pensamentos íntimos. Comparados com crianças mais novas, os jovens adolescentes têm mais preocupação com as questões relativas à maior ou menor abertura e partilha de informação íntima com os seus amigos (Campos, 1989). Conhecendo as características internas relativas aos atributos da personalidade do amigo (sendo estas inferidas gradualmente à medida que o sujeito começa a atribuir um significado ao mundo psicológico do outro), este reconhece a subjectividade das suas experiências (Campos, 1989).

O desenvolvimento cognitivo tem uma importância acentuada nessa mudança desenvolvimental. Frequentemente tem sido atribuída à maturidade cognitiva crescente, as mudanças nas concepções da amizade e no conhecimento íntimo, nomeadamente na capacidade para tomar a perspectiva do outro e para compreender informação subjectiva e abstracta (Selman, 1980). A capacidade de partilhar sentimentos e pensamentos, assim como a maior maturidade na compreensão da reciprocidade e de igualdade na amizade são também consideradas como influências importantes nas relações íntimas (Youniss, 1980).

De acordo com Furman e Robbins (1985, cit. por Bothner, 1997), são oito os tipos de apoio que os adolescentes procuram na relação com os outros: (a) afecto; (b) intimidade; (c) sentimento de lealdade e disponibilidade constante dos outros; (d) ajuda instrumental; (e) protecção; (f) companheirismo, (g) reconhecimento da importância do indivíduo e (h) sentimento de inclusão.

Gouveia-Pereira et al. (2000) expõem algumas hipóteses explicativas encontradas na literatura, tendo em atenção a importância dada pelos adolescentes ao grupo de pares. Esta pode ser uma forma de compensação dos vazios de sociabilidade deixados, por exemplo, pela escola ou pela família; ou pode dever-se à identificação que sentem em relação ao grupo, onde há espaço para conversar sobre os seus problemas e angústias, incertezas e sentimentos.

A investigação contemporânea sobre a amizade aponta para “amizades” que variam ao longo de muitas dimensões, que podem ser destrutivas ou construtivas para o desenvolvimento da criança, e que se manifestam por interacções positivas e de apoio, assim como por interacções conflituosas e stressantes (Garcia & Pereira, 2008). Os mesmos autores, porém, referem um conhecimento ainda limitado acerca das variações, nos tipos, funções e qualidades das amizades, sobre a sua formação e dissolução, e em relação aos factores determinantes à sua estabilidade e manutenção. Ainda assim, a investigação mostra que é possível observar desde cedo na infância assinaláveis diferenças individuais no estilo de interacção da criança com as outras crianças. Se por um lado, algumas desfrutam de muitas amizades e são bem aceites socialmente, no outro extremo, algumas crianças são quase totalmente rejeitadas e não têm amigos (Hay et al., 2004; Parker & Asher, 1987, todos cit. por Torres, Santos & Santos, 2008)

Newcomb e Bagwell (1995, cit. por Garcia & Pereira, 2008), a partir de uma meta-análise, ao compararem amigos e não amigos, concluíram que os amigos envolvem-se mais vezes em interacções positivas e demonstram mais afecto positivo do que os não amigos. Os amigos são mais semelhantes, no que toca ao comportamento, e mais leais. Embora entrem em conflito com a mesma frequência que os não amigos, os amigos esforçam-se mais por resolvê-los. Assim, “ter amigos é um indicador de competências interpessoais específicas” (Torres et al., 2008, p. 436).

Parker e Asher (1994) verificaram que várias crianças que normalmente são pouco aceites pelo grupo também tinham melhores amigos e estavam satisfeitas com as suas amizades. Porém, estas amizades eram consideradas mais fracas nas dimensões de qualidade,

do que as amizades das outras crianças. Assim, ter um melhor amigo, a qualidade da amizade e a aceitação do grupo, são contribuições distintas para a predição da solidão.

A vinculação e a amizade

A ligação entre vinculação e as relações com pares pode ser entendida segundo três dimensões: cognitiva, comportamental e emocional. Do ponto de vista cognitivo, o facto dos modelos internos dinâmicos se traduzirem em expectativas acerca de como os outros e o próprio se devem comportar conduz a que: a) crianças seguras tenham uma visão mais positiva de si, esperando dos outros responsividade face às suas necessidades, o que leva a que provoquem nos outros respostas igualmente positivas e cooperantes (Cohn, Patterson, & Christopoulos, 1991, cit. por Lieberman et al. 1999); b) crianças inseguras tendam a esperar rejeições comportando-se de um modo que pode provocar a confirmação das suas expectativas (Goldberg, 1991, cit. por Lieberman et al. 1999).

De uma perspectiva comportamental, os pais ao continuarem a servir de base segura encorajando a exploração do contexto social e conseqüente desenvolvimento das relações sociais, propiciam uma maior exposição a modelos de pares. Assim as crianças seguras ao interagirem de uma forma mais cooperativa dentro da relação pais-crianças, generalizam esse modelo nas relações com os pares (Younblade & Belsky, 1992. cit. por Lieberman et al. 1999).

No que concerne à dimensão emocional, através da relação de vinculação com os pais, as crianças seguras desenvolvem a capacidade de regular os afectos negativos de uma forma construtiva, ao passo que as crianças inseguras podem aprender a manifestar os seus afectos inapropriadamente, dificultando o estabelecimento de relações positivas com pares (Kobak & Sceery, 1988, cit. por Liberman et al. 1999).

O indivíduo utiliza o grupo de pares como figuras de vinculação existindo uma pressão causada pelo crescimento da autonomia face aos pais e motivação para satisfazer as necessidades de vinculação, o que irá desencadear uma transferência das relações de vinculação hierárquica. Esta transferência implica igualmente uma transformação no que respeita à direcção das relações de vinculação. Passa-se de relações assimétricas – a criança recebe atenções de uma figura parental protectora para uma relação de reciprocidade na qual cada um oferece e recebe apoio e atenção (Allen e Land, 1999).

A procura de autonomia dos pais pode influenciar como uma pressão saudável para o adolescente começar a utilizar os pais como figuras de vinculação, proporcionando um contexto onde as necessidades de vinculação podem ser satisfeitas, enquanto a autonomia em relação aos pais está a ser estabelecida (Steinberg, 1990).

Essa autonomia não se desenvolve no isolamento mas no contexto de uma relação próxima e persistente com os pais (Guedeney & Guedeney, 2004). Uma das funções da vinculação atribuída aos pais na fase da adolescência passa por proporcionar uma base emocional segura a partir da qual o jovem possa explorar o vasto leque de estados emocionais com que se depara enquanto aprende a viver como um adulto progressivamente mais autónomo (Allen & Land 1999).

A adolescência vai desenrolar-se de uma maneira diferente consoante a vinculação segura ou insegura do adolescente e, mais precisamente, consoante o tipo de modelos operantes internos construídos durante a infância (Guedeney & Guedeney, 2004). Um estudo recente mostrou que a segurança na infância é tanto mais preditiva da qualidade da autonomia e da capacidade adolescente de se relacionar quanto o for da segurança da vinculação na adolescência. (Allen e Land, 1999).

As estratégias de vinculação na adolescência são modificadas pelo processo da adolescência, sendo este processo dependente das modalidades de vinculação. No início da adolescência, os pais desempenhariam o papel de segurança emocional a partir do qual o adolescente poderia explorar o largo espectro dos estados emocionais que podem surgir no decurso do seu movimento de autonomização. Nesta perspectiva, a última tarefa essencial dos pais enquanto cuidadores é apoiar as capacidades do adolescente para enfrentar os afectos gerados pela aprendizagem da independência. O desenvolvimento progressivo pelo adolescente desta capacidade de regular os afectos sem distorção, mesmo quando se trata de situações que possuem uma forte carga emocional, seria uma tarefa fundamental deste período (Guedeney & Guedeney, 2004).

A teoria da vinculação defende que os adolescentes seguros têm maior possibilidade de lidar, de um modo mais construtivo, com os desafios que acompanham os diferentes estádios do desenvolvimento psicológico. Os adolescentes seguros comunicam mais facilmente com os pais e, em particular, sobre os problemas relacionados com a vinculação e segurança (Guedeney & Guedeney, 2004).

A vinculação está relacionada com diversos mecanismos. A regulação sócio-emocional da criança em relação à mãe prevê competências sociais destas mais fortemente do que em relação ao pai. Outras pesquisas defendem que pai e mãe influenciam em diferentes domínios do desenvolvimento. No caso da interacção mãe-criança a vinculação está mais fortemente relacionada com a auto-estima. No caso da interacção pai-criança está mais fortemente relacionada com a ansiedade. Os pais encorajam mais para a exploração e adaptação, baixa agressividade para com os pares, ajudando a criança a aprender os limites entre o jogo e agressão (Booth-La-Force & Kerns, 2009).

Kobak utilizou a Adult Attachment Interview (AAI) para avaliar a vinculação nos adolescentes, mostrou que os indivíduos seguros eram capazes de discutir de maneira mais construtiva com a mãe assuntos stressantes relacionados com a vinculação do que os que eram inseguros. Quando não estavam de acordo com a mãe, estes adolescentes apresentavam menos cólera inadequada, concentravam-se mais nos seus esforços para resolver o problema, evitavam menos envolver-se neles. Os adolescentes inseguros pelo contrário, tinham tendência para interpretar a intervenção da mãe como um ataque ou para utilizar a discussão com a mãe como meio para a atacar ou fazer pressão sobre ela (Kobak, 1993).

O relevo colocado por Bowlby no equilíbrio entre vinculação e sistema de exploração esclarece particularmente o período da adolescência, em que o essencial é que o sistema de exploração seja fortemente activado e se desenvolva. As novas capacidades cognitivas do adolescente vão ajudá-lo ao possibilitar que ele se lembre que os pais continuam disponíveis quando tiverem necessidade deles. Esta ideia é confirmada pelos trabalhos que indicam que a presença de comportamentos de procura da autonomia nos adolescentes está fortemente correlacionada com os indicadores de uma relação positiva com os pais (Allen et al. 1998).

À medida que a independência cresce, instala-se a distância emocional necessária para permitir a acção das capacidades cognitivas, as quais possibilitam a reavaliação da natureza das relações de vinculação com os pais.

Uma relação de vinculação segura promove no adolescente a criação de uma imagem positiva de si próprio e do outro, que o capacita para o desenvolvimento e manutenção de relações de intimidade sem perda da própria autonomia ou identidade. Estes adolescentes não se preocupam em estar sós ou com a existência de outros que não os aceitem, pois possuem um modelo de si próprios como pessoas capazes de ser amadas e respeitadas pelos outros.

Parker (1995, cit. por Pedro, 2007) afirma que as crianças que têm relações de amizade mais estáveis com os pares são também mais saudáveis do ponto de vista psicológico, em oposição às crianças que experienciam relações instáveis.

O desenvolvimento do adolescente pode ser entendido como um processo que ocorre através do desenvolvimento de relações (Furth, 1983, cit. por Youniss & Smollar, 1987).

Parecem existir ligações estreitas entre a organização da vinculação do adolescente e a qualidade das suas relações com os pares. Vários estudos encontraram ligações entre a segurança da vinculação e as relações com os pares na adolescência: Zimmermann, (cit. por Allen e Land 1999), descobriu nos adolescentes de 16 anos que a segurança estava ligada à qualidade global das relações de amizade, da mesma forma que Allen e colaboradores (1998) verificaram que a aceitação social pelos pares estava positivamente correlacionada com a segurança da vinculação do adolescente.

Os primeiros estudos que relacionam a interação mãe-bebê com relacionamentos entre pares vieram a partir dos estudos elaborados no Minnesota (Sroufe et al., 2005; Waters, Wippman, & Sroufe, 1979 cit. por Booth-La-Force & Kerns 2009).

Nesse sentido, Sroufe (1999,2005) sugere que a vinculação segura pode ser um indicador de competência social na criança nos anos pré-escolar. Demonstra que a vinculação precoce continua a ser um preditor dos relacionamentos em pares na média infância e na adolescência. As crianças que tenham tido uma vinculação segura na infância, comparada aos que não tiveram têm mais competências sociais. Na vinculação mãe-criança foi encontrada relação com aceitação de pares, qualidade de amizade, capacidade de resolver problemas com o par (cit. por Booth-La-Force & Kerns 2009).

A teoria da vinculação formula os princípios para o desenvolvimento da segurança das crianças ou insegurança. A qualidade da vinculação mãe-criança é importante para perceber a natureza em curso dos seus relacionamentos. Esta teoria deriva da noção que as experiências relativas das crianças ajustam o estágio para o seu funcionamento social, emocional subsequente para além da família (Booth-La-Force & Kerns 2009).

Ao nível do funcionamento psicossocial da criança, recentes estudos relacionaram problemas de exteriorização e de interiorização com vinculação insegura. A interiorização (e.g. depressão) nos adolescentes, tem sido relacionada a uma vinculação maternal insegura. No que se refere à exteriorização, os problemas comportamentais (e.g. agressão e delinquência) têm igualmente uma conexão negativa com o estilo de vinculação segura,

apesar de estes problemas poderem ser produzidos através da interacção dos relacionamentos entre pares (Allen & Land 1999).

Crianças e jovens com problemas de adaptação aos pares estão numa situação de risco de desenvolver outros problemas de ordem psicológica e social. Berndt (1996, cit. por Allen & Land 1999) observou que a qualidade da amizade estava positivamente relacionada com os índices de ajustamento e funcionamento psicossocial.

O relacionamento interpessoal, nomeadamente entre pares, está omnipresente e parece condicionar o êxito do mesmo. O posicionamento face aos outros constitui uma questão fundamental que cada sujeito tem de resolver ao longo da sua existência. Entre as dificuldades que podem surgir no relacionamento do jovem com os pares destacam-se problemas relativos ao isolamento social, a timidez, a ansiedade social e a agressividade, em suma dificuldades em termos de assertividade (Campos, 1989).

Estas experiências poderão constituir momentos significativos para reflectir acerca das experiências interpessoais ocorridas até aí. Neste caso pode tratar-se duma experiência enriquecedora para o crescimento pessoal e interpessoal. Mas tal como em outras situações existenciais, este facto possui ambiguidades, em vez de resultar em bem-estar, poderão emergir sensações de vazio, ou de mal-estar consigo e com os outros, sentimentos de incapacidade ou de inferioridade. Desta forma, a experiência de isolamento reforça a incapacidade para explorar e investir nas relações com os outros significativos (Campos, 1989).

No caso da timidez, esta é geralmente indicada como uma tendência para se sentir ansioso, ficar calado e afastado nas situações sociais. Por outro lado, o comportamento agressivo pode ser considerado como expressão de ideias, sentimentos e atitudes de modo hostil, dando pouca ou nenhuma atenção à maneira de pensar, sentir ou reagir do interlocutor. Tal como o isolamento social, a timidez e a ansiedade social, o comportamento agressivo poderá ser considerado como um modo de agir não assertivo. A investigação tem demonstrado que o comportamento agressivo está relacionado com aspectos importantes da vida social e escolar do jovem, ou seja, a rejeição do grupo de pares e o fracasso na realização escolar (Campos, 1989).

Carvalho, Bastos, Rabinovich e Sampaio (2006) referem a quantidade e a qualidade das interacções vividas, como condição para o desenvolvimento de vínculos nas relações interpessoais futuras.

Crianças com uma vinculação insegura em relação ao pai e à mãe mostravam mais interações negativas, hostilidade e agressão durante as interações com os pares na infância (McElwain, Cox, Burchinal & Mcfie, 2003; Rubin et al., 1998, todos cit. por Vandell et al., 2006). As interações que eram positivas entre as crianças e os pais, estavam positivamente relacionadas com as interações entre essas crianças e os seus pares. No entanto, esta relação foi significativa apenas para os rapazes (Leve & Fargot, 1997).

Numa meta – análise feita com base em 65 estudos, verificou-se que o tamanho do efeito da associação entre a vinculação à mãe e o sucesso nas relações com os pares foi 0,20 (Schneider et al., 2001, cit. por Vandell et al., 2006).

Existe investigação suficiente que suporta a conclusão de que as crianças socialmente bem sucedidas têm mães que direccionam adequadamente os sentimentos, são mais positivas, são mais propensas a utilizar o raciocínio indutivo e são menos negativas e coercivas nas interações com os seus filhos, comparando com as outras crianças, cujas interações sociais não são tão bem sucedidas (Rubin, Bukowski & Parker, 2006). A qualidade dos laços emocionais estabelecidos com a família, relaciona-se com o modo como o adolescente organiza o seu relacionamento com os pares (Costa, 1998).

Objectivos

Bowlby (1953) considerou ser essencial para a saúde mental da criança, ela experimentar uma relação calorosa, próxima, íntima e de continuidade com a mãe, na qual ambas possam vivenciar prazer e obter satisfação (Borges, Santos, Veríssimo & Freitas, 2006).

A qualidade das interações vividas com os pais, é vista como condição para o desenvolvimento de vínculos de qualidade nas relações interpessoais futuras (e.g., Carvalho, Bastos, Rabinovich e Sampaio, 2006), já que a representação das relações de vinculação constitui um modelo interno de funcionamento nas relações vindouras – vários estudos mostram uma relação entre a qualidade da vinculação, as relações entre pares e o número de amizades recíprocas, em crianças com idade pré-escolar e escolar (Clark & Ladd, 2000, cit. por Vandell, et al., 2006).

Assim, qual será a relação entre a qualidade da vinculação à mãe e ao pai e a qualidade da amizade? Visto que a literatura aponta para uma relação positiva entre as duas variáveis, espera-se que quanto melhor a qualidade de vinculação da criança aos pais, mais qualidade terá a amizade entre a criança e os seus pares.

Por outro lado existirão diferenças significativas entre a qualidade da vinculação à mãe e ao pai e a qualidade da amizade entre pré-adolescentes estudantes de uma escola particular do concelho de Cascais e pré-adolescentes estudantes de uma escola pública situada numa zona problemática da área da grande Lisboa?

Através de estudos realizados, verificou-se que a estabilidade dos padrões de vinculação parece depender, ainda, do estatuto sócio económico.

Em famílias de estatuto médio estável, a maior parte dos estudos aponta para uma taxa de, pelo menos 80%, na estabilidade do padrão de vinculação entre os 12 e os 18 meses, através da classificação na Situação Estranha. Este padrão foi replicado em dois outros estudos com famílias de estatuto médio, que mostraram a elevada estabilidade da vinculação à mãe desde a primeira infância até aos 6 anos. No entanto, estudos efectuados em amostras de baixo estatuto sócio económico apontaram para uma menor estabilidade na vinculação. Num desses estudos, foi obtida uma taxa de 60% de continuidade das categorias principais, com as classificações seguras a apresentarem maior estabilidade que as inseguras (Vaughn, Egeland, Sroufe, & Waters, 1979).

Muitas crianças crescem e se desenvolvem em contextos e situações que constituem ameaças à sua saúde psicológica. Dado que o desenvolvimento é considerado como um envolvimento dinâmico de interações entre o homem e o ambiente, segundo a perspectiva ecológica de Bronfenbrenner, o desenvolvimento da criança está sujeito às mudanças dos cenários que o envolve (Bairrão, 1992).

Entretanto, observa-se que perante cenários de risco nem todas as crianças que vivenciam as mesmas situações apresentam problemas. Pelo contrário, algumas delas conseguem adaptar-se e superar essas situações, demonstrando, entre outras habilidades, competência social. Estas crianças são chamadas resilientes. Resiliência é um conceito relacionado à adaptação e consiste em variações individuais em resposta aos factores de risco. Interagindo com os factores de risco encontram-se os factores de protecção, que se distinguem como características potenciais na promoção da resiliência (Rutter, 1979).

Os factores protectores e os factores de risco são entendidos como algo que potencia que os indivíduos se envolvam ou não em comportamentos saudáveis ou promotores de desenvolvimento, o que é actualmente entendido como decorrente dos vários sistemas que rodeiam o indivíduo e não somente de um deles (Rutter 1979).

O sistema familiar influencia o adolescente de diversas formas, nomeadamente funcionando como modelo, comunicando e interagindo com este, ou oferecendo informações e apoio social e emocional. A existência de uma ligação afectiva segura, de crenças familiares saudáveis e de normas de comportamento claras, actuam como factores protectores (Martins, 2005).

A família, por constituir o primeiro grupo social com que se estabelece contacto, assume-se como preponderante na socialização da criança. Esta pode contribuir para o desenvolvimento de condutas menos positivas nos jovens por condicionar/escolher o bairro ou zona de residência, cometer erros na influência da escolha de amizades, entre outros (Matos, 2008b).

Em relação ao grupo de pares, pesquisas analisaram que a importância do tempo de desenvolvimento da amizade é maior entre as crianças cujas relações com os pais estão abaixo do ideal, ou seja, se a ligação entre pais e os resultados de uma natureza mal adaptada podem ser atenuados por uma qualidade de amizade da criança ou status no grupo de pares (Rubin et al., 2006). Em geral muito dos estudos realizados fornecem evidências de que a amizade e o grupo mais amplo de pares podem compensar as implicações de risco de ambientes familiares problemáticos (Bukowski, et al. 2009).

Conger et al. (1994) analisaram a influência da condição de pobreza e da família coercitiva. Os autores verificaram que esses factores actuam como estímulos aversivos, afectando o comportamento e a qualidade das relações familiares e, ao mesmo tempo criando condições inadequadas para o desenvolvimento. Noutro sentido, os autores Darbes e Lewia verificaram que quem tem maiores níveis de suporte social apresenta mais competência relacional (Darbes & Lewia cit. por Maia & Seabra, 2007).

Com este projecto procura-se compreender melhor qual a influência das relações que os adolescentes estabelecem com os seus melhores amigos e com os seus pais no decurso do seu desenvolvimento. Para além da família, os amigos são também agentes socializadores que podem, de forma directa ou indirecta, promover ou inibir o bem-estar e o ajustamento

interpessoal dos jovens. Por outro lado, procura-se observar se o meio social onde o adolescente se desenvolve é preponderante no desenvolvimento dessas mesmas relações.

Deste modo, formularam-se as seguintes hipóteses:

- Espera-se que os sujeitos que tenham melhor vinculação com os pais tenham maior qualidade na amizade com os amigos;
- A qualidade de vinculação e a qualidade da amizade entre os pré-adolescentes é maior na escola privada do que na escola pública.

II. MÉTODO

Participantes

Os participantes são 162 crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade: 48,9 % são raparigas e 51,1 % são rapazes. Os dados foram obtidos em duas escolas, 108 crianças do ensino público e 54 crianças do ensino privado. A média de idades é de 12,6 e o desvio padrão de 1,1. Trata-se de um estudo comparativo de uma recolha de participantes por conveniência.

Este estudo tem como universo populacional, alunos do 7º ano de duas escolas: um colégio da zona de Cascais onde os participantes pertencem a uma população de meio sócio económico/cultural média-alta e alto, e habitam o distrito de Cascais; e a Escola básica da zona do Lumiar onde os participantes têm um estatuto sócio económico/cultural baixo e média-baixa, estando situada numa zona problemática da área da grande Lisboa, que actualmente é caracterizada por ser uma área de grande intervenção nas mais variadas áreas, nomeadamente na área da educação, da cultura e da saúde, entre outras.

Seguidamente irão ser apresentadas os contrastes maiores existentes nas duas escolas.

A escola pública referenciada é sede do Agrupamento do Alto do Lumiar, que abrangendo a zona ocidental da Alta de Lisboa, apresenta múltiplas evidências de desestruturação, com índices de absentismo, insucesso e abandono escolar altíssimos, bem como uma relação com a comunidade local marcada por distâncias e conflitos.

Trata-se de uma população heterogénea, composta por membros da etnia cigana, indiana e provenientes de África, para além dos habitantes de origem nacional.

Neste universo escolar devemos salientar, ainda, a situação de crianças provenientes de famílias mono parentais devido a situações de divórcio, abandono, morte por parte de um progenitor. A maioria dos alunos inscritos neste estabelecimento de ensino provém de um ambiente familiar desfavorecido (a todos os níveis) e destruturado, condicionando as atitudes e condutas. As histórias de vida destes alunos passam por situações de pobreza (carências alimentares, e outras), de abandono, prostituição, toxicod dependência e suspeita de abusos sexuais. Simultaneamente os progenitores desresponsabilizam-se, sendo incapazes de

acompanhar/orientar e encaminhar os seus educandos quer do ponto de vista humano, ético ou escolar.

São várias as instituições que actuam na zona onde se situa a escola. A associação activamente estando inserida no grupo Comunitário da Alta de Lisboa, encontra-se em articulação permanente com os parceiros locais. Aqui ficam alguns dos exemplos:

- AAEA – Associação de Apoio aos Estudantes africanos
- Academia Novas Letras – Centro Artístico e Musical, Lda
- Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar
- APAR – Associação Aprender a Parceria
- APEAL – Associação de Pais do Agrupamento do Alto do Lumiar
- ARAL – Associação de Residentes do Alto do Lumiar
- AVAAL – Associação de Valorização Ambiental da Alta de Lisboa
- CAJIL – Centro de Apoio a Jovens e Idosos do Lumiar
- Centro de Saúde do Lumiar
- CML – Biblioteca Municipal M^a Keil
- Grupo de Papás e Mamãs da Alta de Lisboa
- ISU – Instituto e Solidariedade Universitária
- JRS – Serviço Jesuíta dos Refugiados
- Programa K´CIDADE
- SCML – Centro Acolhimento Infantil do Bairro da Cruz Vermelha
- SCML – Centro de Promoção Social Alta de Lisboa
- SCML – Centro de dia do Lumiar

No caso do colégio, este encontra-se situado no concelho de cascais, na freguesia da Parede.

O concelho de cascais insere-se na área metropolitana de Lisboa. A sua localização geográfica torna-a num centro de recursos estratégicos para o desenvolvimento económico-social e cultural conferindo-lhe condições privilegiadas para uma constante melhoria da qualidade de vida dos seus efectivos populacionais, o que a caracteriza como uma área territorial de grande atractividade.

O colégio apresenta uma população estudantil de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos. Uma boa parte dos estudantes que conclui o Ensino secundário, frequenta-o desde o Ensino Básico ou, mesmo, desde o Ensino Pré-Escolar. Os alunos pertencem a famílias cujo extracto sócio económico é médio ou média-alta e cujos pais possuem maioritariamente uma licenciatura.

È importante realçar que este colégio para além de promover as dimensões: física, cognitiva, estética, oferece também o ensino religioso, seguindo as orientações da igreja Católica.

Caracterização dos Instrumentos

- Questionário da Qualidade da Amizade (FQQ) (Parker & Asher, 1989, Santos, Freitas, Correia, 2010)

Este questionário de 40 itens destina-se a avaliar as percepções que os adolescentes têm de vários aspectos qualitativos da sua melhor amizade. É pedido aos sujeitos que pensem num amigo específico e indiquem, numa escala de Likert de 5 pontos (0 = “nada verdadeiro”; 5 = “muito verdadeiro”), quanto é que uma dada qualidade é característica desta sua relação de amizade.

Nesta pesquisa, e em contraste com pesquisas anteriores sobre a qualidade da amizade, as crianças completaram o questionário com referência a um amigo específico, sendo o seu nome escrito no topo do questionário e encaixado em cada item. Assim, é assegurado que cada criança descreva um relacionamento recíproco e por consequência minimizar a possibilidade que esta descreva alguma amizade idealizada em vez dos seus actuais amigos (Parker & Asher, 1989).

Os itens podem ser divididos em 6 domínios:

Validação e Cuidado – 4, 5, 6, 8, 10, 12, 13, 15, 30, 41; *alfa de Cronbach* – .90

Resolução de Conflito – 11, 26, 35; *alfa de Cronbach* – .73

Conflito e Traição – 3, 9, 20, 21, 27, 31, 37; *alfa de Cronbach* – .84

Ajuda e Orientação – 17, 18, 24, 28, 32, 33, 34, 36, 39; *alfa de Cronbach* – .90

Companheirismo e Recreação – 2, 7, 19, 22, 23; *alfa de Cronbach* – .75

Partilha de Intimidade – 14, 16, 25, 29, 38, 40; *alfa de Cronbach* – .86

É apresentado o *alfa de Cronbach* para as seis subescalas. A consistência interna de cada subescala foi satisfatória. As seis subescalas foram moderadamente a altamente relacionadas entre si, variando de 0.16 a 0.75.

- Escala da Vinculação (Kerns, Klepac, & Cole, 1996, Santos, Correia, Freitas 2010)

Esta escala de 15 itens avalia a confiança que o adolescente tem na disponibilidade e responsividade das suas figuras de vinculação — tanto a mãe, como o pai —, bem como a facilidade e o interesse em comunicarem com elas. Os itens deverão ser respondidos no formato alternativo delineado por Harter (1982) “alguns jovens... outros jovens...”. Neste instrumento pede-se aos adolescentes que indiquem qual das afirmações é mais característica deles e, posteriormente, que apontem o seu grau de identificação (“Muito parecido comigo” ou “Um pouco parecido comigo”). Cada item é cotado de 1 a 4, com os valores mais altos a indicarem uma maior segurança na vinculação aos pais (Kerns et al. 1996).

A escala de segurança aqui referida pretende perceber, o grau em que as crianças acreditam que uma figura de apego particular é sensível e está disponível; a tendência das crianças para invocar a figura de apego em momentos de stress; a facilidade das crianças em demonstrar os seus pensamentos e sentimentos à sua figura de vinculação (Kerns et al. 1996). No que diz respeito à consistência interna do instrumento os resultados apontam para a existência de uma consistência adequada com o *alfa de Cronbach* a registar (0.84).

Procedimento

As duas escolas foram contactadas em Dezembro de 2009. Previamente foi solicitada autorização à entidade escolar e aos encarregados de educação das crianças da amostra. Quando da solicitação das escolas, foi explicado os objectivos do estudo, assim como a metodologia e os procedimentos a serem utilizados. Posteriormente foi combinado com os professores da sala de aula, o dia e a hora disponível para a aplicação dos instrumentos. A aplicação dos testes foi realizada ao grupo turma na sala de aula e com a presença do professor da turma que acompanhou a recolha.

A recolha foi realizada entre Janeiro de 2010 e Maio de 2010.

Em relação ao preenchimento dos questionários, foram dadas inicialmente as devidas instruções, sendo estas lidas em simultâneo por investigadores e participantes, passando posteriormente os últimos ao preenchimento do mesmo. Ao longo do preenchimento dos questionários os participantes puderam colocar dúvidas sobre o mesmo, sendo devidamente esclarecidos.

Os dois questionários foram preenchidos ao mesmo tempo em cada turma, tendo sido realizado em aulas de 45 minutos, ocupando o tempo total da aula. A recolha de dados foi realizada num único momento. A assistência dos investigadores foi fulcral para o retorno imediato dos questionários e conseqüentemente para a quantidade de dados recolhidos.

III. RESULTADOS

Para a análise dos resultados recorreu-se ao programa SPSS para Windows. Numa primeira fase, para a caracterização da amostra recorreu-se à estatística descritiva (frequências, médias, desvios-padrão). Numa segunda fase, tratando-se de uma amostra quantitativa, o teste usado nesta análise foi o teste paramétrico anova one-way. Numa terceira fase, sendo um dos objectivos perceber se existe uma relação positiva entre as duas variáveis, qualidade de vinculação da criança aos pais e qualidade da amizade entre a criança e os seus pares (visto tratarem-se de variáveis quantitativas) efectuou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson.

- Dados relativos ao questionário da qualidade da amizade (FQQ)

Procedemos à análise da fidelidade das escalas utilizadas no presente estudo, sendo as mesmas avaliadas em termos da sua consistência interna *alfa de Cronbach*. Para determinar a consistência interna, calculou-se o *alfa de Cronbach* para a totalidade dos itens do questionário. Esses valores, são muito satisfatórios situando-se sempre acima de 0,70 (Tabela 1) (Maroco, 2003).

Paralelamente verifica-se que os jovens escolheram mais vezes a resposta “verdadeiro” para responder às questões acerca da amizade. Por outro lado, destaca-se o domínio “conflito e traição” em que a média de respostas situou-se em “nada verdadeiro”. Realça-se ainda o domínio “companheirismo e recreação” onde a resposta mais citada pelos pré-adolescentes foi “um pouco verdadeiro”.

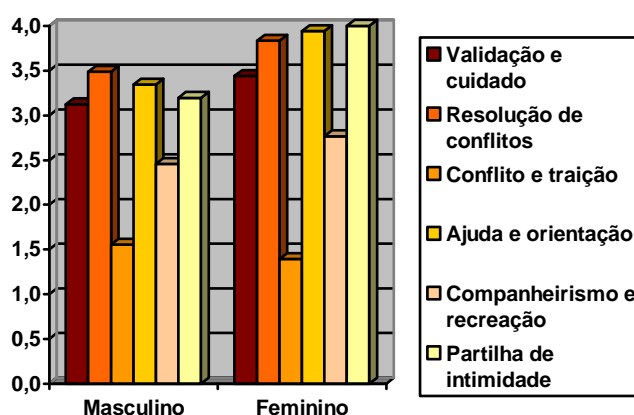
Tabela 1 – Domínios do questionário da qualidade da amizade (FQQ) – Fidelidade da escala

Domínios	Média	Desvio padrão	Alfa de Cronbach
Validação e cuidado	3,29	0,80	0,89
Resolução de conflitos	3,67	1,14	0,78
Conflito e traição	1,46	0,54	0,71
Ajuda e orientação	3,64	0,99	0,92
Companheirismo e recreação	2,62	0,85	0,74
Partilha de intimidade	3,65	1,14	0,89

Resultados obtidos em cada subescala do questionário da qualidade da amizade para os géneros

Através da análise de variância podemos observar que existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas para a dimensão “partilha de intimidade” ($F(79,1) = 12,6$ $p < 0,01$) e para a dimensão “ajuda, orientação” ($F(75,1) = 7,4$, $p < 0,01$). Nota-se que as raparigas tendem a ser mais solidárias e prestativas do que no caso dos rapazes. Tal como, as raparigas partilham a sua intimidade de uma forma mais intensa do que no caso dos rapazes (Figura 1).

Figura 1 – Média das cotações em cada subescala do questionário da qualidade da amizade para os géneros.



Resultados obtidos em cada subescala do questionário da qualidade da amizade na escola privada e na escola pública

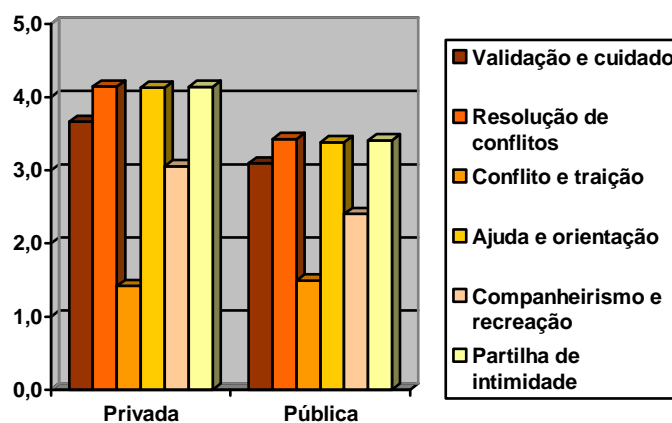
Um dos objectivos desta investigação é perceber se existem diferenças significativas entre as escolas: privada/pública. Neste sentido, através da análise de variância verificou-se que existem diferenças significativas, em todas as dimensões do questionário (FQQ) menos na dimensão “conflito e traição” onde se verifica não existirem diferenças significativas entre as escolas.

Conforme é observado na figura 2 que contém os resultados da média para ambas as escolas, nota-se que o privado regista uma maior facilidade na resolução de conflitos ($F(74,1) = 9,431$ $p < 0,01$) e os seus adolescentes partilham de forma mais intensa a sua intimidade com o melhor amigo ($F(78,1) = 7,790$ $p < 0,01$) contrariamente ao que é observado na pública. Em relação à dimensão “ajuda e orientação” os jovens são mais prestáveis, existindo maior

espírito de solidariedade em relação ao auxílio de tarefas e partilha de ideias na escola privada em relação à escola pública ($F(75,1) = 11.226$ $p < 0,01$). Tal como, no privado os jovens passam mais tempo com o seu melhor amigo, realizando assim mais tarefas em conjunto. Isto é observável através da média de respostas em relação ao domínio “companheirismo e recreação” (figura 2) ($F(77,1) = 11.480$ $p < 0,01$). Em relação à dimensão “validação, cuidado” na escola privada há uma preocupação maior em relação à valorização do outro e ao próprio do que na escola pública ($F(79,1) = 7.862$ $p < 0,01$).

Por fim, na dimensão (conflito e traição) não obteve diferenças significativas em ambas as escolas ($F(80,1) = 0.367$ $p > 0,01$).

Figura 2 – Média das cotações em cada subescala do questionário da qualidade da amizade na escola privada e na escola pública



- Dados relativos à Escala de Vinculação (KSS)

Procedemos à análise da fidelidade das escalas utilizadas no presente estudo, sendo as mesmas avaliadas em termos da sua consistência interna *alfa de Cronbach*. Para determinar a consistência interna, calculou-se o *alfa de Cronbach* para a totalidade dos itens do questionário. Esses valores, são muito satisfatórios situando-se sempre acima de 0,70 (Tabela 2) (Maroco, 2003).

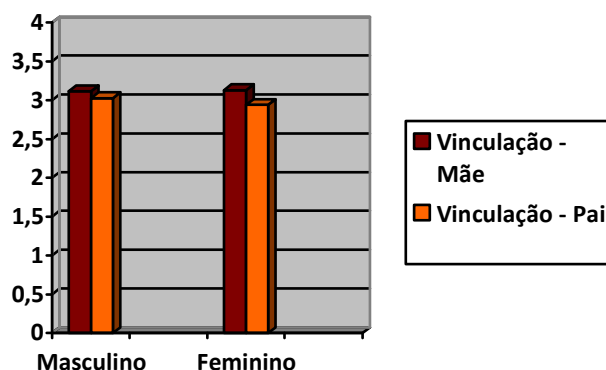
Tabela 2 – Escala de Vinculação (KSS) – Fidelidade da escala

Sub escala	Itens	Média	Desvio padrão	Alfa de cronbach
Pai	16	3.00	0.53	0.816
Mãe	15	3.14	0.51	0.806

Resultados obtidos na escala de vinculação para os géneros

Através da análise de variância constata-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas em relação à vinculação paterna ($F(143,1) = 1.124 p > 0,01$) e em relação à figura materna ($F(147,1) = 0.42 p > 0.01$).

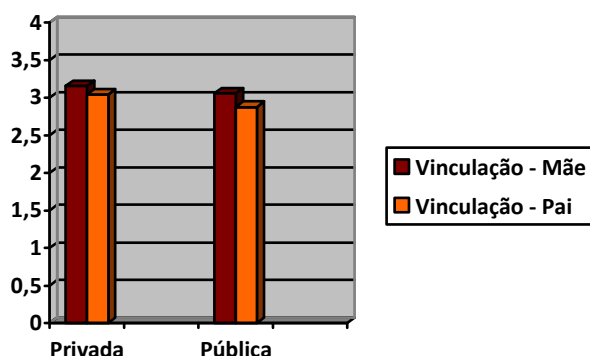
Figura 3 – Média das cotações da escala de vinculação para os géneros



Resultados obtidos na escala de vinculação para a escola privada e para a escola pública

Perceber se existem diferenças significativas entre as escolas: privada/pública é um dos objectivos deste estudo. Observando a análise de variância, verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as escolas em relação à segurança na vinculação ao pai ($F(143,1) = 3.683 p > 0.01$) e em relação à segurança na vinculação à mãe ($F(147,1) = 1.478 p > 0.01$).

Figura 4 – Média das cotações da escala de vinculação na escola privada e na escola pública



Resultados da correlação entre a qualidade da vinculação e a qualidade da amizade para a totalidade da amostra

Verifica-se que as correlações existentes são entre as dimensões “conflito e traição”, “resolução de conflitos” e a figura materna. Neste sentido, quanto mais o jovem se sente seguro em relação à mãe menor será o sentimento de traição e conflito nas relações de amizade ($r = - .215 < 0.05$). Tal como, quanto mais o adolescente estiver vinculado à mãe ($r = .233 < 0.05$) maior será a sua capacidade de resolução de conflitos na interacção com o grupo de pares.

Resultados da correlação entre a qualidade da vinculação e a qualidade da amizade na escola privada

Em relação à escola privada constata-se a partir das correlações entre as duas variáveis que, o jovem que se sente seguro em relação à sua figura materna menos irá adquirir sentimentos de traição e conflito nas relações de amizade ($r = - .255 < 0.05$). Tal como, o adolescente que estiver vinculado à sua figura paterna ($r = .257 < 0.05$) melhorará a sua capacidade de resolver e solucionar conflitos junto do grupo de pares.

Resultados da correlação entre a qualidade da vinculação e a qualidade da amizade na escola pública

Na escola pública não foram encontradas relações estatisticamente significativas entre a variável qualidade da vinculação e a variável qualidade da amizade.

IV. DISCUSSÃO

Neste capítulo pretende-se analisar os resultados anteriormente apresentados e reflectir sobre os mesmos, comparando-os com a teoria existente sobre o tema e tendo em conta os objectivos da investigação.

Em relação à qualidade da amizade, foram encontradas diferenças entre os sexos. De todas as dimensões da qualidade da amizade que foram estudadas (validação e cuidado, resolução de conflito, conflito e traição, ajuda e orientação, companheirismo e recreação e partilha de intimidade), foram duas as dimensões que merecem ser destacadas, já que revelaram diferenças. As dimensões são: partilha de intimidade e ajuda/orientação.

O género feminino, sempre foi considerado como sendo mais carinhoso, compreensível, generoso, pacífico e pouco agressivo. O sexo masculino, por seu lado, sempre foi tido em conta como menos sensível aos problemas que o rodeiam. Ao contrário do sexo feminino é esperado que o sexo masculino reaja às situações com pouca interacção e partilha com o outro. Clark e Ladd (2000, cit. por Vandell, Nenide & Winkle, 2006) afirmam que as raparigas demonstram mais comportamentos pró-sociais, mais interacções positivas do que os rapazes.

Nesta perspectiva e comparando rapazes e raparigas, às raparigas são atribuídas redes mais centradas em contextos familiares e de menor dimensão, sabendo-se que as relações têm um carácter mais íntimo e exclusivista sendo também prioritariamente desenvolvidas em díade. Nos rapazes as redes são comparativamente maiores sedimentando-se muitos dos contactos desenvolvidos na partilha de actividades (Berndt, 1982).

Um dos objectivos centrais desta investigação foi igualmente compreender se existiam diferenças na qualidade da amizade entre as escolas: privada/pública. Foram encontradas diferenças e a hipótese estipulada que refere que no colégio privado a qualidade da amizade entre os pré-adolescentes é maior do que nas escolas públicas foi confirmada.

A escola pública encontra-se situada numa zona considerada problemática, a maioria dos seus alunos provém de um ambiente familiar desfavorecido (a todos os níveis) e destruturado, condicionando as atitudes e condutas. As histórias de vida destes alunos passam por situações de pobreza, de abandono, prostituição, toxicoddependência e suspeita de abusos sexuais. Simultaneamente os progenitores desresponsabilizam-se, sendo incapazes de

acompanhar/orientar e encaminhar os seus educandos quer do ponto de vista humano, ético ou escolar.

Em geral muito dos estudos realizados fornecem evidências de que a amizade e o grupo mais amplo de pares podem compensar as implicações de risco de ambientes familiares problemáticos (Bukowski, et al. 2009). Tal como é destacada a importância dada ao grupo de pares como sendo um espaço para conversar sobre os problemas, angústias, incertezas e sentimentos (Gouveia-Pereira et al. 2000).

No entanto, essas evidências foram contrariadas, pois o colégio registou valores elevados à escola pública no que diz respeito à qualidade da amizade. Os jovens provenientes do colégio registaram uma maior facilidade na resolução de conflitos, partilhando de forma mais intensa a sua intimidade com o melhor amigo. Mostraram ser mais prestáveis, existindo maior espírito de solidariedade em relação ao auxílio de tarefas e partilha de ideias. Os jovens passam mais tempo com o seu melhor amigo realizando assim mais tarefas em conjunto, como também nutrem uma maior preocupação em relação à valorização do outro. Isto vai de acordo aos autores Darbes e Lewia (cit. por Maia & Seabra, 2007) onde verificaram que quem tem maiores níveis de suporte social apresenta maior competência relacional.

Por outro lado, uma possível explicação para o sucedido encontra-se associado ao facto do colégio possuir uma estrutura diferente de uma escola pública, contendo regras, valores e normas específicas. Quando uma família opta por colocar os filhos em colégios com estas características procura principalmente uma maior protecção, tal como uma ocupação integral. Grande parte destes alunos são deixados no colégio de manhã e só retornam a casa no final de tarde, sendo natural a criação de maiores laços afectivos com o seu grupo de pares.

No caso da escola pública, quando as aulas terminam, devido ao facto de apenas terem aulas no período da manhã, os jovens têm um maior à vontade para gerir o seu próprio dia. Ao contrário do que se passa no colégio, os adolescentes têm a hipótese de criar outras relações de amizade fora do seio escolar.

Paralelamente a estes resultados, através da média de respostas dos jovens em relação à qualidade da amizade é demonstrado que apesar da escola privada ter registado valores superiores à escola pública, os adolescentes de ambas as escolas dão importância à amizade. De uma forma geral os jovens evidenciaram sentimentos de partilha, solidariedade, respeito, desabafam quando se sentem tristes e pedem ajuda quando se encontram em dificuldades. Tal como, sentem-se bem perto do amigo. Neste sentido, na dimensão “conflito e traição” os

jovens demonstraram que podem confiar um no outro, evitam discutir, não falam mal uns dos outros, sabem ouvir opiniões divergentes.

Estudos portugueses permitem concluir que as concepções da amizade na adolescência apresentam uma temática particular, caracterizada essencialmente por uma valorização acentuada da lealdade, confiança mútua, intimidade, empatia e apoio emocional (Almeida, 1988, cit. por Campos, 1989).

Paralelamente, não se observou diferenças entre os géneros em relação à qualidade da vinculação, contrariamente à premissa que refere que existe evidência empírica que mostra as diferenças nas representações da vinculação aos pais, consoante o género do adolescente e da figura parental (Buist, Dekovic, Meeus & van Aken, 2002; Kenny, 1994; Kenny & Gallagher, 2002; Lopez, 1996; Rice, Cunningham & Young, 1997, todos cit. por Matos & Costa, s.d.). Resultados de um estudo acerca das percepções dos adolescentes sobre os cuidados primários e a vinculação segura, demonstraram que as meninas parecem ser mais sensíveis ao efeito de possíveis atitudes adversas do pai e da mãe dos que os meninos (Gamble & Roberts, 2005).

Denota-se igualmente que não existem diferenças entre as escolas em relação à segurança na vinculação ao pai e em relação à segurança na vinculação à mãe. O colégio privado não registou valores superiores à escola pública, portanto a hipótese estipulada não se confirmou.

O meio social não se mostrou preponderante no que diz respeito à vinculação materna e paterna. Estes resultados contrariam os estudos efectuados pelos autores Vaughn, et al. (1979) em amostras de baixo estatuto sócio económico onde os quais apontaram para uma menor estabilidade na vinculação.

Noutra perspectiva, Bowlby (1984) propõe que o vínculo da criança à sua mãe provém de vários sistemas comportamentais que têm como resultado previsível a proximidade entre ambas, esses sistemas desenvolvem-se como produto da interacção da criança com o meio e principalmente com a mãe.

Independentemente do meio social donde a criança provém os laços vincutivos emergem da sua relação com a mãe. Nas palavras de Bowlby (1988), a saúde mental da criança depende da vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a sua mãe ou uma pessoa que desempenhe regular e constantemente esse papel.

Segundo esta teoria, a qualidade da vinculação dependerá da natureza das interacções adulto-criança. A vinculação segura, por exemplo, depende da responsividade contingente dos

pais em relação ao bebê, ou seja, da capacidade do adulto em mostrar-se sensível às pistas do bebê e responder nos momentos adequados (Bowlby, 1988).

Deste modo, a responsividade (ou sensibilidade) é um dos elementos envolvidos nos primeiros relacionamentos com as figuras de vinculação, e, portanto, fundamental para a compreensão da qualidade da vinculação em fases posteriores do desenvolvimento da criança.

O que conta é a sensibilidade da mãe e não o estatuto sócio económico da mesma. O mesmo se passa em relação ao papel paternal.

Em relação à totalidade da amostra, as correlações existentes entre qualidade da vinculação e qualidade da amizade dá-se entre as dimensões “conflito e traição”, “resolução de conflito” e a figura materna.

Estes resultados vão de encontro ao que está referido na literatura. Na relação mãe-criança foi encontrada relação com aceitação de pares, qualidade de amizade, capacidade de resolver problemas com o par (cit. por Booth-La-Force & Kerns 2009).

Tal como afirma Guedeney & Guedeney (2004) os adolescentes seguros têm maior possibilidade de lidar, de um modo mais construtivo com os vários desafios que vão surgindo como também comunicam mais facilmente com os pais e, em particular, sobre os problemas relacionados com a vinculação e segurança.

O mesmo se passa para o caso específico da escola privada. As dimensões da qualidade da amizade “conflito e traição e resolução de conflito” relacionaram-se positivamente com a qualidade de vinculação à figura materna.

Tal como, o adolescente que estiver vinculado à sua figura paterna melhorará a sua capacidade de resolver e solucionar conflitos junto do grupo de pares. Os resultados conseguidos não diferem da literatura existente, pois os pais encorajam mais para a exploração e adaptação, baixa agressividade para com os pares, ajudando a criança a aprender os limites entre o jogo e agressão (Booth-La-Force & Kerns, 2009).

Neste sentido, houve relação entre qualidade da vinculação e qualidade na amizade para os jovens da escola privada. O que podemos concordar com Allen e colaboradores (1998) onde verificaram que a aceitação social pelos pares estava positivamente correlacionada com a segurança da vinculação do adolescente. Paralelamente, é observável que não houve correlação entre as dimensões: “validação e cuidado, ajuda e orientação, companheirismo e recreação e partilha de intimidade” e qualidade de vinculação.

Uma justificação possível para a existência de tais resultados, estará eventualmente ligada ao facto de estas dimensões estarem relacionadas com a interação e a vivência que se vão adquirindo no contacto com o outro.

As amizades das crianças são muito importantes porque os amigos preenchem funções essenciais, que os pais não preenchem, e que por isso desempenham um papel crítico durante a formação das aptidões sociais, bem como no desenvolvimento no seu sentido de identidade. As amizades são provavelmente um dos maiores e mais importantes pontos essenciais da qualidade de vida das crianças.

As dimensões da qualidade da amizade incluem a intimidade, o companheirismo e o apoio emocional e social (Rubin, Bukowski & Parker, 2006).

No caso da escola pública não houve relação entre a qualidade da vinculação e a qualidade da amizade na escola pública, o que contraria a literatura existente que refere vários estudos mostram uma relação entre a qualidade da vinculação, as relações entre pares e o número de amizades recíprocas, em crianças com idade pré-escolar e escolar (Clark & Ladd, 2000, cit. por Vandell, et al., 2006).

Apesar da sua parte importância no desenvolvimento da criança, o suporte social por parte da família, na maioria das vezes, não é consistente.

Segundo Bowen e Chapman (1996) é importante reconhecer que nem todas as crianças e jovens têm a sorte de ter pais que lhes proporcionem segurança, estabilidade e suporte social, uma vez que nalguns casos os próprios pais podem estar sobrecarregados com as suas circunstâncias de vida. O stress económico reduz a capacidade dos pais de estabelecerem relações de suporte com os filhos e aumenta a sua tendência para serem punitivos e erráticos.

Nas análises relativas ao bem-estar e ao ajustamento psicológico, o suporte parental e o suporte dos vizinhos (suporte dos pais, dos vizinhos e dos professores) era o segundo mais forte, logo a seguir ao suporte dos professores (Amaro, et al. 2001).

Uma das possíveis explicações para os resultados obtidos prende-se com a própria estrutura familiar.

Na maior parte dos casos é a figura materna que assegura o desenvolvimento contínuo da criança, ao longo de uma sucessão de adultos masculinos que ocupam temporariamente o papel de pai, dado o facto que as famílias dos jovens são muito numerosas, constituídas por

muitos irmãos. Estes dados foram fornecidos através de diálogos aquando da recolha dos dados.

Bowen e Chapman (1996) concluíram que o suporte social por parte da família é essencial para que as crianças lidem com a sua necessidade de segurança em contraponto aos riscos que a comunidade em que vivem apresenta. Enquanto primeiro ambiente de socialização, a família deve transmitir à criança aquilo que são os padrões, valores e normas de comportamento da cultura presente, expressando sempre sentimentos de agrado ou desagrado face aos comportamentos demonstrados pela criança, ajudando a mesma a seleccionar os comportamentos culturalmente positivos, o que irá aumentar a frequência de comportamentos adequados.

Neste sentido, é possível referir que toda a pessoa actua no seu desenvolvimento enquanto agente influente e influenciado pelos diversos contextos onde está inserido (Bronfenbrenner, 1986). A família, independentemente da sua estrutura, permanece como o contexto de desenvolvimento primordial para a criança, em que as interacções pais/criança assumem uma enorme importância para a promoção dos processos proximais da mesma.

Num estudo realizado na zona ocidental de Lisboa verificou-se que as crianças desfavorecidas estão relativamente isoladas nos bairros onde vivem, uma vez que nos tempos livres saem pouco e as férias são geralmente passadas em casa. A falta de ligação com o exterior é muito acentuada, o que torna muito escassos os contactos com formas de vida distintas daquelas em que sempre viveram, levando a que muito provavelmente, tenham o mesmo destino dos pais (Bastos, 1999 cit. por Amaro et al. 2001).

Neste sentido, para além do efeito dos acontecimentos de vida, a segurança da vinculação que a criança estabelece com a figura parental está sistematicamente relacionada com a vinculação do próprio progenitor (Belsky, 2003). Em termos teóricos, esta relação significa que os progenitores com uma vinculação segura vão educar uma criança que desenvolve uma vinculação segura em relação a essas figuras enquanto os progenitores com uma vinculação insegura vão educar crianças que estabelecem vinculações inseguras com as figuras de vinculação. No entanto, a literatura demonstra que esta associação é modesta em termos da sua força, dado que vários mecanismos desenvolvimentais explicam a transmissão da vinculação de pai para filho, entre eles a qualidade dos cuidados parentais, o clima familiar e a capacidade do progenitor para perceber o filho como um indivíduo autónomo.

De acordo com a hipótese de transmissão intergeracional da vinculação, os filhos de progenitores com pouca disponibilidade e pouco responsivos às suas necessidades têm maior probabilidade de apresentar dificuldades posteriores no desenvolvimento de relacionamentos de par estáveis e em servir de base segura para os seus próprios filhos (Bretherton, & Munholland, 1999).

Sem a existência de vinculação segura aos dois elementos parentais estas capacidades podem estar menos desenvolvidas e dificultar a aquisição de novos amigos (e.g. Lamb, 2005; Santos *et al.*, 2008; Strayer & Santos, 1996; Vaughn & Santos, 2008 cit. por Torres, Santos & Santos).

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vinculação tem sido uma das áreas mais fascinantes e mais investigadas desde meados do século XX, período em que Bolwby formulou a teoria da vinculação. Se inicialmente os teóricos da vinculação se centraram no laço emocional estabelecido entre a criança e as suas principais figuras de vinculação durante a infância, mais tarde o interesse alargou-se para as fases desenvolvimentais subsequentes.

A população alvo escolhida para este estudo foi a fase da adolescência por ser um período muito importante, sendo pautado pela multiplicidade de mudanças na vida dos indivíduos, representando períodos de transição entre a vinculação da infância estabelecida com as figuras parentais e a vinculação adulta estabelecida com figuras exteriores ao contexto familiar. É um período conturbado, onde se fazem escolhas que podem comprometer o futuro do jovem, sendo importante perceber onde se pode e deve intervir.

Neste sentido e para futuros estudos, seria interessante introduzir a variável “professor” visto que é uma figura presente na vida do adolescente, e a partir daí perceber o seu funcionamento pessoal e social, tal como, comparar o ponto de vista de profissionais (professores, contínuos, entre outros) e famílias acerca das competências sociais dos jovens, usando ainda medidas de percepção das competências baseadas nos vários membros da família e na sua interacção. Seria igualmente importante a realização de um estudo longitudinal tendo início na pré-adolescência como foi o caso desta investigação, e terminar na transição para a idade adulta.

Dado o facto de uma das amostras em estudo residir numa zona considerada extremamente problemática são várias as instituições que actuam na zona onde se situa a escola. Seria pertinente perceber através de um estudo longitudinal até que ponto e de que forma os projectos de intervenção contribuem e qual a sua projecção no ajustamento psicossocial dos jovens.

VI. REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. (2000). Infant-mother attachment. In V. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings*. Malven; Blackwell Publishers.
- Alberoni, F. (1988). *Amizade*. Bertrand Editora.
- Allen, J.P. Moore, C. Kuperminc, G. P. et al. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child developmental* 69, pp. 1406-1419.
- Allen, J.P. & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 336-354). Nova Iorque: The Guildford Press.
- Amaro, F.; Silva, L.; Lourenço, M. & Silva, A. (2001). *Filhos e Netos da Pobreza*. Lisboa: Fundação Nossa Senhora do Bom Sucesso.
- Bairrão, J. (1992) A perspectiva Ecológica em Psicologia da Educação, *Cadernos de Consulta Psicológica*, (8), 57-68.
- Belsky, J. (2003). The developmental and evolutionary psychology of intergenerational transmission of attachment. In C. S. Carter, L. Ahnert, K. E. Grossmann, S. B. Hrdy, M. E. Lamb, S. W. Porges, & N. Sachser (Eds.), *Attachment and bonding: A new synthesis*. Cambridge: MIT Press.
- Berndt, T.J. (1982). The features and effects of friendships in early adolescence. *Child Development*, 53, 1447-1460.
- Booth-LaForce, C. & Kerns, K. A. (2009). Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer-group functioning. In Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Laursen, B. (Eds.) *Handbbok of peer interactions, relationships, and groups* – New York: Guilford Press. P. 490-507.

- Borges, P., Santos, A. J., Veríssimo, M., & Freitas, M. (2006). Qualidade da vinculação e depressão materna. *VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Consultado em 11 de Março de 2010, através de http://www.ispa.pt/NR/rdonlyres/C32F34EB-9C33-43B0-8412-935E60498FA3/0/BorgesSantosVerissimoFreitas2006_Evora.pdf.
- Bothner, L. A. (1997). *Differential effects of early attachment on social competence with friends, acquaintances, and unfamiliar peers: a meta-analysis*. Master's Thesis, in Human Development and Applied Psychology, University of Toronto, Toronto. Consultado em 3 de Março de 2010, através de <https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/11313/1/MQ29143.pdf>.
- Bowen, Gary. I. & Chapman, Mimi, V. (1996). (Poverty, Neighborhood Danger, Social Support, and the Individual Adaptation Among At Risk Youth in Urban Areas" *Journal of Family Issues* , 17, nº 5, September, pp 641-666.
- Bowlby, J. (1984) *Apego. Vol. 1: Trilogia apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss. Vol. 2: Separation: anxiety and anger*. Middlessex: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969). *Determinants of infant behaviour. Vol. 4, p. XIII-XIV*. London: Methuen.
- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afectivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bretherton, I. & Munholland, K. (1999). Internal Working models in attachment relationships. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment*. New York: Guildford Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.

- Bukowski, M. W., Motzoi, C. & Meyer, F. (2009) Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer-group functioning. In Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Laursen, B. (Eds) *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* – New York: Guilford Press. P. 217-229.
- Carvalho, A. M., Bastos, A. C., Rabinovich, E P., & Sampaio, S. M. (2006). Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. *Psicologia em Estudo*, 11, nº3, 589-598. Consultado em 10 de Maio, 2010, através de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a14.pdf>.
- Campos, P. B (1989) *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Conger, R. D. Ge, X. Elder, G. H. Lorenz, F. O. & Simons, R. L. (1994). Economic, stress, coercive family process, and development problems of adolescents. *Child Development*, 65, 541-561.
- Costa, M. E. (1998). *Novos encontros de amor: amizade, amor e sexualidade na adolescência*. Porto: Edinter.
- Crowell, J. Treboux, D. Pan., H. Gao, Y. & Fyffe, C. (2002). Assessing secure base behavior in adulthood: Development of a measure, links to adult attachment representations and relations to couples communication and reports of relationships. *Developmental Psychology*, vol. 38 (5), 679-693.
- Erikson, E. (1971). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gamble, A. S. & Roberts, E. J. (2005) Adolescents' Perceptions of Primary Caregivers and Cognitive Style: The Roles of Attachment Security and Gender. *Cognitive Therapy and Research*, Vol. 29, No. 2, April 2005, pp. 123–141.

- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9 (2), 285-294. Consultado em 9 de Fevereiro de 2010, através de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/4787/3676>.
- Garcia, A., & Pereira, P. C. (2008). Amizade na infância: um estudo empírico. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 9 (1), 25-34. Consultado em 19 de Maio de 2010, através de <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v9n1/v9n1a04.pdf>.
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins, M., & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2 (XVIII), 191-201. Consultado em 12 de Março 2010, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v18n2/v18n2a05.pdf>.
- Guedeney, N. & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Manuais Universitários, Climepsi editores.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. (1996). Peer relationships and preadolescents' perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental Psychology*, 32, 457-466.
- Kobak, R. R. Cole, H. E. Ferenz-Gilies, R. et. Al. (1993), Attachment and emotion regulation during, and representation of self and others, *Child Dev.*, 59, pp. 135-146.
- Leve, L. D., & Fagot, B. I. (1997). Prediction of positive peer relations from observed parent child-interactions. *Social Development*, vol. 6, nº 2, 254-269
- Lieberman, M., Doyle, A. & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child development*, 70, nº 1, 202-213.
- Machado, G. Soares, I. & Silva, C. (1996) Avaliação da representação da vinculação e da percepção da qualidade da relação actual Pais-Adolescentes. In Almeida, L. et al. *Avaliação Psicológica: Formas e contextos*, Vol IV (pp. 539-559). Universidade do Minho.

- Maia, C. A. & Seabra, A. (2007) Experiências adversas, comportamentos de risco, queixas de saúde e preocupações modernas de saúde em universitários. Uma comparação entre diferentes licenciaturas. *Psicologia, saúde & doenças*, 8 (2), 167-180.
- Maroco, J. (2003). *Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas* (1ª Ed.). Lisboa: Climepsi.
- Matos, M. G. (2008a). A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica*, 2(XXVI), 251-263. Consultado em 9 de Maio de 2010, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n2/v26n2a07.pdf>.
- Matos, G. M. (2008b) *Estado da arte e propostas em meio escolar: Sexualidade, segurança & sida*. Editora: Aventura social e saúde.
- Martins, J. D. M. (2005) Condutas agressivas na adolescência: Factores de risco e de protecção. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII): 129-135.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (s.d.). *Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes*. Consultado em 16 de Abril de 2010, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a06.pdf>
- Palacios, J. (1995) O que é a adolescência. In C. Coll et. al. (org.), *Desenvolvimento Psicológico e educação, Vol. I*, 263-272. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parker, J.G., & Asher, S.R. (1993). Friendship and Friendship Quality in Middle Childhood: Links With Peer Group Acceptance and Feelings of Loneliness and Social Dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29 (4), pp. 611-621
- Rubin, Z. (1982). *A amizade das crianças*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.). *Handbook of Child Psychology – vol. 3: Social, Emotional, and Personality Development* (pp. 571-645). New Jersey: John Wiley, & Sons.
- Rutter, M. (1979) Protective factors in children's responses to stress and disadvantage. In M.W.Kent & J.E. Rolf (Eds.), *Primary prevention of psychopathology: social competence in children* (pp. 49-74). Oxford: Blackwell.
- Schaffer, H. (1999). *Desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Schaffer, H. R. (1996). *Social Development*. Oxford: Blackwell.
- Selman, R. (1980). *The Growth of interpersonal understanding: developmental and clinical analysis*. New York: Academic Press.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Spitz, R. (1971). De la naissance à la parole : *La première année de la vie*. Paris :Presses Universitaires de France.
- Stneiberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationships. In S. Feldman & G. Elliot (Eds.), *At the threshold: The developing adolescence* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 435-445. Consultado em 19 de Maio de 2010, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n3/v26n3a06.pdf>.

- Vandell, D. L., Nenide, L., & Winkle, S. J. (2006). Peer relationships in early childhood. In K. McCartney & D. Philips (Eds.) *The Blackwell handbook of early childhood development* (pp. 455-470).
- Vaughn, B., Egeland, B., Sroufe, L., & Waters, E. (1979). Individual differences in infant-mother attachment: Stability and change in families under stress. *Child Development*, 50, 971-975.
- Waters, E., Hamilton, C.E., & Weinfield, N.S. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development*, 71, 678-683.
- Yárnoz, S. & Páez, D. (1993). Una aproximación a los modelos internos activos (I.W.M.) de la teoría del apego como constructos sociocognitivos. *Boletín de psicología*, vol. 41, 91-102.
- Youniss, J. (1980). *Parents and peers in social development*. The University of Chicago Press.
- Youniss, J. & Smollar, J. (1987). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Consultado em 24 de Maio de 2010, através de <http://books.google.com/books?id=hC4uAvoigR0C&printsec=frontcover&dq=Adolescent+relations+with+mothers,+fathers,+and+friends&lr=&hl=pt-PT>.